



INSTITUTO DE LETRAS

Departamento de Línguas Modernas

Trabalho de Conclusão de Curso

**O contato linguístico português-espanhol na
fronteira entre Brasil e Uruguai:
estado da pesquisa e perspectivas futuras**

Gabrielle Carvalho Lafin

Orientador: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Porto Alegre, 12 de dezembro de 2011.

GABRIELLE CARVALHO LAFIN

O contato linguístico português-espanhol na fronteira
entre Brasil e Uruguai:
estado da pesquisa e perspectivas futuras

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciado em Letras, com habilitação
em Português/Espanhol e suas respectivas
literaturas.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

Membros da Banca Examinadora:

Prof. Dr. Joachim Steffen

Profa. Me. Sabrina Gewehr-Borella

Trabalho monográfico apresentado em 12 de dezembro de 2011.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen, pela atenção reservada à elaboração deste trabalho, além da constante compreensão das condições em que este foi concebido (desafio de conciliar as atividades acadêmicas com a prática profissional). Muito obrigada por, principalmente, permitir que eu me reencontrasse na pesquisa científica, descobrindo que posso, sim, ser feliz nesta área do conhecimento.

Agradeço também às amigas e companheiras de profissão Mariana Santana Duarte, pelo empenho em me auxiliar com seu vasto conhecimento *in vivo* sobre muito do que ocorre na área de fronteira estudada, e Mariana Espíndola da Cruz, por todos os momentos de troca e reflexão sobre nossas práticas docentes, nossas monografias, nossas vidas.

Agradeço a todos os profissionais que, ao longo da minha trajetória no curso de Letras, acreditaram em meu trabalho, proporcionando-me ótimas oportunidades. Em especial, a André Fozzy Kersting (Anglo Vestibulares), Beatriz Pufal (Colégio Leonardo da Vinci – Alfa), Clarice Medeiros (Colégio Israelita), Daniel Lavouras (Sistema Elite de Ensino) e Vanessa Silva (Sistema Elite de Ensino).

Agradeço aos meus alunos, que me proporcionam o contato diário com essa trama complexa que é conviver com pessoas e conseguir ouvi-las, senti-las, compreendê-las. Certa vez, ouvi de meus colegas uma frase atribuída à Profa. Regina Zilbermann: “Seremos professores, lidaremos com o mais bonito do mundo: seres humanos. Nada de máquinas e previsibilidades. Sempre aprendendo, a sala de aula é o melhor lugar para acreditar nas pessoas.”. Eu realmente acredito nisso.

Muito obrigada a meus pais, Marcelo Kieling Lafin e Isabel Cristina Carvalho Lafin, pela preocupação em me proporcionar acesso a excelentes educadores e a cultura ao longo deste caminho que agora sigo com minhas próprias pernas. Imagino que saibam, mas não me visualizo sendo mais realizada profissionalmente do que como letrista. Sou feliz por vocês se orgulharem disso.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, participaram do processo de desenvolvimento deste trabalho.

*“Yo no sé de dónde soy, mi casa está en la frontera
Y las fronteras se mueven, como las banderas.”*

Jorge Drexler

RESUMO

Esta monografia constitui uma revisão do estado da pesquisa relacionada ao contato linguístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai. A proposta surgiu do interesse da autora em aprimorar seus conhecimentos nessa área de estudos, já que pouco se fala em contato linguístico nas disciplinas ministradas ao longo do curso de Letras. Espera-se, com este trabalho de conclusão, auxiliar na organização do que já se tem até o momento, bem como apontar aquilo que ainda merece uma atenção especial. Além disso, a proposta apresentada contribuiu no sentido de construir um alicerce sólido para que a autora possa seguir estudando e desenvolvendo novos trabalhos nesta área de pesquisa.

Palavras-chave: contato linguístico; fronteira; português; espanhol.

RESUMEN

Esta monografía constituye un repaso del estado de la investigación relacionada al contacto lingüístico portugués-español en la frontera entre Brasil y Uruguay. La propuesta tuvo origen en el interés de la autora en perfeccionar sus conocimientos en esta área de estudio, ya que se habla poco acerca de contacto lingüístico en las asignaturas ministradas a lo largo del curso de Letras. Se espera, con este trabajo de conclusión, auxiliar en la organización de lo que ya se posee hasta el momento, así como subrayar aquello que todavía merece una atención especial. Además, la propuesta presentada contribuye para la construcción de una base sólida para que la autora pueda seguir estudiando y desarrollando nuevos trabajos en esta área de investigación.

Palabras clave: contacto lingüístico; frontera; portugués; español.

Sumário

Introdução.....	8
Capítulo 1 – Questões terminológicas.....	10
1. 1. Conceitos básicos	10
1.1.1. A noção de fronteira	10
1.1.2. Contato linguístico e discurso bilíngue	11
1.1.3. Língua e dialeto	13
1.1.4. Variação e mudança linguística	14
1.2. Denominações das línguas em contato - ou de variedades resultantes do contato.....	15
1.2.1. Portunhol.....	16
1.2.2. Denominações <i>in vitro</i>	17
1.2.3. Denominações <i>in vivo</i>	20
Capítulo 2 – Panorama dos estudos: tópicos e lacunas na pesquisa do contato português-espanhol.....	23
2.1. Questões fonético-fonológicas.....	23
2.2. Questões morfossintáticas.....	33
2.3. Questões léxico-semânticas.....	38
2.4. Questões pragmáticas.....	46
Considerações finais	48
Bibliografia	50

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu da necessidade de compreender os processos decorrentes do contato entre duas línguas em geral (especificamente, entre o português e o espanhol), e de refletir sobre tais processos, uma vez que constituem um tema pouco abordado ao longo do curso de Letras/Licenciatura. Sua intenção é, ao mesmo tempo, traçar um panorama que sirva de base sólida para o prosseguimento e formação de pesquisa no âmbito dos estudos de Linguagem no Contexto Social, com enfoque no contato português-espanhol em áreas de fronteira.

Pretende-se, com isso, contribuir para um conhecimento mais amplo do estado atual da pesquisa, considerando os diferentes enfoques teórico-metodológicos, autores e níveis abordados. Acompanha esta análise a apresentação e discussão de conceitos centrais para a área de estudo em questão (Cap. 1).

Como futura licenciada em português, espanhol e suas respectivas literaturas, parto da premissa de que se faz fundamental, para a prática docente, a compreensão dos fenômenos concernentes ao bilinguismo e, especificamente, às línguas em contato em áreas de fronteira – que, neste estudo, restringe-se à fronteira entre o Rio Grande do Sul (Brasil) e o Uruguai, em função da existência de uma produção científica relativamente ampla em comparação com outras zonas fronteiriças. Além disso, há, de minha parte, um desejo e uma necessidade de organizar tais estudos e sua evolução, pouco debatidos na Graduação e, muitas vezes, restritos a estudos tradicionais, sem avançar para constatações mais recentes. Soma-se a tudo isso o objetivo de ampliar e aprofundar meus conhecimentos relativos à área de sociolinguística e dialetologia (bem como a áreas afins), em especial no que se refere à variação e mudança linguística e ao papel dos contatos de línguas.

Especificamente em relação à descrição do estado da pesquisa, colocam-se os seguintes objetivos:

1) Discutir os fundamentos teóricos para a descrição de contatos linguísticos de fronteira, debatendo conceitos como *fronteira*, *dialeto*, *língua*, entre outros;

2) Compilar os estudos acerca do tema eleito, considerando diferentes enfoques teórico-metodológicos, a fim de chegar a um levantamento mais representativo do estado atual da pesquisa nesta área.

3) Refletir sobre a variação e a mudança linguística, contribuindo para uma compreensão maior do uso e do funcionamento das línguas em contato.

4) Reunir subsídios para um conhecimento mais amplo sobre o espanhol e o português em contato na fronteira entre o Brasil e o Uruguai.

Poder-se-ia pensar que já há, em relação a este objeto de estudo, um número razoável de projetos – como ADDU¹, ALERS², BDS Pampa³ – e de teses e dissertações – como Kersch (2006) e Rocha (2008); apesar disso, contudo, muitos desses estudos aparecem de forma esparsa, nem sempre havendo uma interlocução clara entre os principais resultados das diferentes pesquisas, como veremos mais adiante. Por isso, até onde é possível para um trabalho de conclusão como este, pretende-se identificar não só estudos já realizados como também problemas/imprecisões ou faltas, enfim, lacunas a partir das quais será possível construir uma trajetória sólida de continuidade da pesquisa.

Este trabalho se divide, de forma objetiva, em dois capítulos: o Capítulo 1 dedica-se à discussão dos conceitos básicos utilizados. No Capítulo 2, por sua vez, apresentam-se os principais tópicos e resultados apontados pelas pesquisas acerca do contato linguístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai, considerando diferentes orientações teórico-metodológicas.

¹ *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay.*

² *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil.*

³ *Banco de Dados Sociolingüístico da Campanha e da Fronteira Sul-Rio-Grandense.*

CAPÍTULO 1 – Questões terminológicas

1.1. Conceitos básicos

A situação de fronteira e de contato de línguas (ou melhor, de complexos de variedades – cf. THUN 2010) apresenta uma série de traços característicos deste contexto que requerem uma terminologia adequada, sobre a qual, no entanto, nem sempre há consenso. Entre esses conceitos-chave, estão as noções de fronteira e a percepção das línguas em contato como construtos variáveis, com identidade própria e com variantes associadas a um lado e outro da fronteira, bem como a uma e outra comunidade de fala em contato.

1.1.1. A noção de fronteira

Quando se fala em línguas em contato, é inevitável que se pense logo em fronteira. Evidente está que nem todo o contato entre línguas se dá em fronteira, mas que, sim, a fronteira é um lugar em que tal fenômeno inevitavelmente ocorre. Uma vez que o presente trabalho pretende abordar justamente este contexto – o contato na fronteira –, faz-se necessária uma breve definição.

Primeiramente, é preciso ter em mente a importância de se notar a diferença entre *limite* e *fronteira*. Ao contrário do que muitos podem inferir, *limite* é uma noção artificial, visto que é de fato a delimitação que se cria entre territórios; é a linha tracejada que separa – ou que pretende separar – povos, culturas, *línguas*. A fronteira, por sua vez, é todo o espaço que envolve o limite. Segundo Garcia (2010: 14), uma fronteira pode ser vista como “*um portal que muda o status das pessoas e das coisas. Uma zona de transição. Com este poder quase mágico, uma fronteira pode libertar ou aprisionar. Pode antagonizar. Mas pode também integrar.*”.

Há uma nítida zona fronteira de relativa integração nos limites entre o Uruguai e o Rio Grande do Sul. Este estado foi, durante muitas décadas, o foco de

variadas disputas tanto entre países colonizadores quanto entre países vizinhos. É possível encontrar uma justificativa para tal afirmação considerando que a fronteira do Sul sempre foi a mais viva do Brasil (as demais eram/são formadas por quilômetros de selva, de rio, ou de áreas inóspitas). Elizaincín (1992: 97) afirma que as razões históricas da atual situação de contato têm como origem

“la disputa secular entre los Reinos de España y de Portugal por los territorios del Nuevo Mundo [...] en forma especialmente violenta con respecto al actual territorio de la República de Uruguay”.

A própria construção de cidades gêmeas como Rio Branco/Yaguarón, Quaraí/Artigas, Sant’Ana do Livramento/Rivera, cujo objetivo seria conter o avanço cultural e linguístico português, mais promovem um intercâmbio constante do que separam/contêm. Tal integração originada pela situação de fronteira nos leva a outro conceito relevante para nosso estudo, o de *contato linguístico*.

1.1.2. Contato linguístico e discurso bilíngue

Segundo Elizaincín (2008: 181),

“a problemática do contato linguístico tem que ser sempre considerada no contexto amplo do contato cultural: as línguas, é sabido, fazem parte das culturas, e é impensável um contato só linguístico.”

Como se pode depreender da observação de Elizaincín, é imprescindível estabelecer constantemente o contexto em que determinado contato ocorre para avaliá-lo com exatidão. O estudo do contato entre línguas não é algo exatamente novo na tradição ocidental. Muitos nomes foram dados para processos decorrentes de contato linguístico; entretanto, o que muitas vezes não se averigua é a bibliografia existente quando se cria um novo termo para determinado “novo” fenômeno. Essa, aliás, é a crítica que embasa o presente trabalho: as recorrentes repetições dentro de nossa área de pesquisa. Muitos dizem o que já foi dito e poucos buscam inovar. Dessa forma, temos uma série de termos para designar a coexistência entre duas ou mais línguas, mas nem sempre com o necessário fundamento (ver seção 1.2).

O discurso bilíngue caracteriza-se por uma série de processos decorrentes do contato entre duas línguas, entre os quais estão a ocorrência de *codeswitching* e transferências linguísticas (empréstimos, etc.). A premissa para a existência desse discurso é que o falante tenha familiaridade com mais de uma língua – o que pode ocorrer em zona de fronteira (como abordaremos aqui, o contato entre português-espanhol na fronteira Rio Grande do Sul-Uruguai) ou em áreas inteiras – como é o caso da comunidade autônoma da Catalunha, na Espanha, em que espanhol e catalão convivem (nem sempre de forma harmônica). A comunicação por meio do discurso bilíngue, aqui, não pressupõe uma fluência em ambas as línguas, mas sim a mescla recorrente em função da situação de contato – que é o que de fato gera indivíduos bilíngues.

Os cinco pontos urbanos ao longo de toda a extensão da fronteira entre Brasil e Uruguai – Artigas/Quaraí, Rivera/Sant’Ana do Livramento, Aceguá/Aceguá, Rio Branco/Jaguarão e Chuy/Chuí – favorecem a ocorrência de *discursos bilíngues*, mas há de se ter consciência de que este processo data de um período anterior ao estabelecimento dessas “cidades gêmeas”. A região que atualmente é o norte do Uruguai foi ocupada por portugueses e, posteriormente, por brasileiros (bandeirantes). No início do século XX, populações *hispanohablantes* povoaram esta região, a fim de integrá-la ao restante do país; no entanto, uma questão fundamental não teve solução imediata: embora o povoador de fala espanhola tenha chegado à região, o português não deixou de ser falado.

Tal situação levanta a pergunta sobre a elaboração de atlas linguísticos plurilíngues, para mapear as diversas configurações das línguas/variedades em contato, em um determinado território. Como observa Thun (1999: 41), há de se ter em conta, entretanto, que “plurilíngue” não significa “contatual”: “*É preciso documentar não somente a coexistência de línguas e variedades, mas também a mútua influência que exercem umas sobre as outras.*”

1.1.3. Língua e dialeto

Tem-se, no imaginário popular – e, muitas vezes, também no âmbito científico –, que o termo *língua* supõe um sistema próprio, supõe certa constância de estruturas, certa normatização. Não obstante, será que isso é de fato um pré-requisito (e o único deles) para uma variedade ser reconhecida como língua? Há muitas variedades que possuem tais características, mas que, ainda assim, não são reconhecidas como língua. Por que isso ocorre? Talvez porque sejam utilizadas por grupos linguísticos minoritários, o que faz com que, por conseguinte, não gozem do mesmo prestígio no ambiente em que são utilizadas, uma vez que, em tais áreas, normalmente já há uma variedade considerada estándar, formal, de prestígio, que, por sua vez, prevê “*a existência de relações de poder de uns (Estado) sobre os outros (usuários das línguas)*” (BARRIOS, 1996: 85).

O termo *dialeto* refere-se, por outro lado, às variedades sem prestígio, visto que é comumente relacionado a uma conotação pejorativa. Costuma-se associar, além disso, o termo *dialeto* com uma variedade adquirida de forma natural ou espontânea, com membros da família ou próximos do indivíduo, ou seja, é a maneira como o falante se comunica antes de ingressar no sistema educativo, onde se adquire uma variedade formal que normalmente está bastante afastada de sua realidade. É preciso, por isso, considerar as diferentes conotações para este termo. Quando Barrios, Elizaincín e Behares, em seu livro com o sugestivo título *Nos falemo brasileiro*, dissertam acerca dos *Dialectos portugueses en Uruguay*, os chamados DPU, afirmam curiosamente não pressupor desprestígio nesse “modo de falar”. Sabemos, no entanto, com base em outros estudos (KERSCH, 2006), que nem sempre é assim.

Coseriu (1982) afirma que todo sistema que possa funcionar no momento de fala é uma *língua*. Deste modo, todo dialeto é uma língua – apesar de nem toda língua ser um dialeto. Isso se dá em função de aquele ser um subsistema de uma língua já reconhecida e ser subordinado a ela. A única diferença é o *status* histórico atribuído a cada uma delas:

“El término dialecto, en cuanto opuesto a lengua, designa una lengua menor distinguida dentro de (o incluida en) una lengua mayor, que es, justamente, una lengua histórica (un “idioma”).” (COSERIU 1982: 12)

Em função desse conjunto de conotações associadas aos dialetos, usaremos o termo (mais neutro) *variedade*, evitando assim juízo de valor. Vinculados a este conceito, estão o de variação e mudança linguística; para a compreensão de nossa visão quanto a tais termos, segue a próxima seção.

1.1.4. Variação e mudança linguística

Assumir que a língua é mutável e que está inevitavelmente atrelada aos aspectos sociais, políticos, culturais e ideológicos que a envolvem é reconhecer que os estudos científicos, partindo de uma determinada questão observada em nossa realidade, visam ao esclarecimento de tais fatos e/ou fenômenos. Toda língua varia e toda língua muda. Varia de indivíduo para indivíduo (*idioleto*), mas também entre classes sociais, idade, nacionalidade. Varia em diferentes dimensões (escrita *versus* falada).

Assim, observando justamente a heterogeneidade, assume-se também a variação linguística como um processo de coexistência entre duas ou mais variantes de uma língua. Claro está que tal procedimento é realizado com base na análise de fatores extralinguísticos, como classe social, sexo, faixa etária, etc.; alguns desses fatores serão abordados de forma mais abrangente no Capítulo 2.

É possível exemplificar o pressuposto metodológico elaborado por Labov pela marcação de plural no sintagma nominal (SN) do Português Brasileiro (PB). Para essa variável, temos duas variantes – a presença (variante 1) e a ausência (variante 2) do segmento fônico /s/. Pode-se realizar a marcação de plural por meio de três formas:

- 1) aS meninaS bonitaS
- 2) aS meninaS bonitaØ
- 3) aS meninaØ bonitaØ

O contato – conceito já abordado neste trabalho – provoca a variação; esta, por sua vez, costuma ser uma etapa prévia à mudança linguística, cuja definição perpassa o seguinte fato: quando uma das variantes de uma determinada variável sobrepõe-se e passa a ser a única utilizada, já não se tem mais uma variável, mas sim uma mudança. É, portanto, um processo um tanto quanto mais estável que a variação, sendo este precedente àquele. Resumindo, nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. A fim de exemplificar o conceito de mudança linguística, podemos pensar nas diferentes realizações para *papel* (pape[l] e pape[w]). Ainda é possível encontrar ocorrências da primeira realização em CaGII e CbGII; entretanto, nos grupos CbGI e CaGI, tem-se a segunda forma como a eleita em praticamente todos os casos. Isso mostra que o período de variação já está praticamente acabado; agora, tem-se a mudança linguística.

1.2. Denominações das línguas em contato - ou de variedades resultantes do contato

A delimitação do objeto de estudo, uma língua ou variedade específica - por exemplo, onde um determinado uso linguístico deixa de ser espanhol e começa a ser português - nem sempre obedece a critérios objetivos, e sim deriva da percepção dos próprios falantes ou da comunidade de fala, refletida em (auto-)denominações como *portunhol*, que passo a discutir a seguir. Segundo Kersch (2006: 26), informantes do espanhol, na região de fronteira, quando questionados acerca do nome que dão à língua que falam, respondem sem hesitar “espanhol, castelhano ou oriental ou até mesmo uruguaio”, diferentemente dos informantes do português, que constantemente se põem em dúvida na identificação de sua língua, bem como em sua consequente designação.

Haver diversas designações para o discurso bilíngue da fronteira parece ser algo incontestável. Entretanto, será que é possível falar de uma “variedade própria fronteira”? Em outras palavras, seria aceitável - ou reconhecida - uma variedade cuja área de uso fosse o espaço de contato entre os dois países? Analisemos as

denominações encontradas *in vivo* (no contexto social, pelos falantes) e *in vitro* (criadas por pesquisadores, para designar determinada variedade ou modo de falar).⁴

1.2.1. Portunhol

Portunhol parece ser, para os brasileiros, a mescla sem unidade e uniformidade das línguas portuguesa e espanhola. Apesar da conotação negativa que a mescla ou a mistura linguística costuma assumir na sociedade, remetendo a uma variedade sem prestígio, tem-se na definição de Elizaincín; Behares & Barrios (1987: 12), a ideia de que

“Portuñol es la designación más neutra que puede oírse de miembros cultos de la comunidad urbana. Ha sido construida en base a otros términos similares tales como ‘franglais’ o ‘spanglish’.”

Portuñol realmente é um termo, se não desconhecido, pouco utilizado pelos habitantes da fronteira; parece, sim, ser um termo reservado aos estudiosos do fenômeno, portanto *in vitro*, que de algum modo chegou à “boca do povo” e já aparece na fala de professores de espanhol, quando afirmam que “aluno X fala portunhol, não espanhol”, e do próprio Instituto Cervantes,⁵ no Brasil, quando querem demarcar uma produção em língua adicional ainda não plenamente espanhola, isto é, um “português espanholado”. Kersch (2006: 32) apresenta-nos um exemplo que ilustra bem esse emprego do termo:

“Portuñol é este idioma que nós falemo, português com espanhol.” (A2 – CbGII – Mulher, 80 anos)

Seu uso, porém, não é de todo generalizado, como mostra o depoimento a seguir, de Blaser (2003: 109):⁶

E: Yendo más para el este o para el oeste, ¿se habla también eso?
I: No, en lugar de frontera, que donde trabaja el brasilero y el uruguayo.

⁴ A distinção entre denominações *in vivo* e *in vitro* é emprestada de Calvet (2007).

⁵ Observado em *slogan* de propaganda dos cursos do Instituto Cervantes em Porto Alegre, 2011.

⁶ E significa “entrevistador”, e I, “informante”.

E: Claro, y Rivera también está en la frontera, ¿no? ¿Y allí se habla eso también?

I: No sé, porque yo no he visitado Rivera.

E: ¿No has oído que dijeran que en Rivera se habla corruptio?

I: No.

E: Bueno. ¿Es lo mismo que portuñol? ¿Eso que llaman portuñol? ¿Oíste hablar de portuñol?

I: No.

E: Ah, sólo eso, corruptio, muy bien.

Além da questão já comentada do praticamente pleno desconhecimento do termo *portunhol*, há outro aspecto interessante presente neste diálogo: fala-se em *corruptio* como designação para os *falantes* dessa variedade, e não para a *variedade* em si. A pessoa que fala o portunhol seria corruptio. Ao analisar, porém, o diálogo supracitado, também o uso de corruptio para a própria variedade parece ser aceito pelo informante. De qualquer maneira, optou-se por não enquadrar a designação *portunhol* em nenhuma das duas próximas subseções por acreditar que este seja um termo que ainda necessite de um estudo mais atento. Identificaremos, a seguir, outras denominações encontradas nos levantamentos do ADDU e na literatura.

1.2.2. Denominações *in vitro*

Fronterizo/Fronteiriço

A denominação *fronterizo/fronteiriço* tem sido constantemente associada aos estudos geolinguísticos (ELIZAINCÍN; BARRIOS & BEHARES, 1987). Sua vantagem reside, a meu ver, na relativa neutralidade do termo, além de acentuar a noção de contato linguístico, que efetivamente caracteriza seu uso na área de fronteira. A única restrição é o fato de não distinguir claramente entre o português do norte do Uruguai e o português do lado brasileiro, sendo esta a crítica constante daqueles que fazem uso de outras designações. Para isso, acredito que seja conveniente falar em um *fronteiriço uruguayo e brasileiro (ou sul-riograndense)*, resolvendo – ou pelo menos amenizando – a questão.

Rona (1965), subdividindo a situação desta região em dois dialetos fronteiriços, termina por estabelecer uma contradição, pois tenta delimitar variantes

em um contexto que ele próprio define como “caótico” e “instável”. Sua proposta de delimitação de subáreas é, aliás, criticada por Thun (2000; 2010), a partir de dados do ADDU. Nem sempre, portanto, a noção de *fronteiriço* serve para designar adequadamente o português falado no norte do Uruguai.

DPU – Dialectos Portugueses en Uruguay

A designação *dialectos portugueses en Uruguay*, mais conhecida com a abreviatura DPU, surgiu a partir da publicação do já citado “Nos falemo brasileiro” e, desde então, vem reaparecendo em publicações de autores uruguaios⁷ e se estendendo inclusive a contextos escolares, em depoimentos de professores quando p.ex. afirmam que seus “alunos não falam português, mas sim DPU” (v. BORTOLINI, 2009). Tal denominação criada *in vitro* é, a nosso ver, extremamente infeliz, pois, além de acentuar o estigma expresso no termo *dialeto*⁸, ao qual se associa uma série de defeitos e conotações negativas, cria a impressão de um mosaico de variedades diferentes sem relação de conjunto que pudesse servir p.ex. para um reconhecimento político-linguístico no sentido de um “português do norte do Uruguai”.

Ante o que já expusemos ao longo deste primeiro capítulo, é possível preservar-se de certa ingenuidade, não concordando com o emprego do termo *dialeto*. É curioso notar que justamente aqueles que criticam o termo *fronteiriço* acabam optando por um termo extremamente polissêmico, repleto de conotações pejorativas e/ou acepções negativas ou em português ou em espanhol. Barrios (1996) reconhece o baixo prestígio dos DPU – o que é algo de fato evidente. No entanto, não parece buscar uma mudança no sentido de valorizar a variedade minoritária e de menor prestígio, mas sim reforçar a necessidade de que as crianças, nas escolas, tornem-se competentes linguisticamente ou em português ou em espanhol.

⁷ Barrios (1996) afirma que “El portugués está presente en el repertorio lingüístico de las localidades de frontera a través de su variedad dialectal, los DPU.” Ou seja, parece certo que o que se encontra no norte do Uruguai é um dialeto.

⁸ Como um carimbo com o qual se diminui o *status* sociopolítico da língua – como de fato o é o português falado no norte do Uruguai.

Português uruguaio

Diante dos problemas apontados para a designação DPU, o uso do termo *português uruguaio* cumpre de forma mais adequada a tarefa de designar a variedade utilizada na região fronteiriça. Carvalho (2007) afirma que o *português uruguaio* se caracteriza por 1) presença de características do português rural, que denuncia sua origem campestre e 2) influência do espanhol, consequência inevitável diante dos séculos de contato.

Carvalho (2007) propõe a ideia de um contínuo dialetal, condicionado por variáveis sociais e estilísticas, que substituiria a separação drástica entre DPU/fronteiriço e português. *Português uruguaio* parece ser uma denominação pertinente, uma vez que não carrega valor depreciativo: aproxima-se, pois, da denominação *fronteiriço*, pela neutralidade presente em ambas, porém sem as ambiguidades que esse último termo pode suscitar.

Português americano

Thun (2000) faz uso da denominação *português americano*, abrangendo, com este termo, uma área maior que a prevista neste trabalho (como o Paraguai, por exemplo). De qualquer forma, faz observações extremamente relevantes sobre o português falado no norte do Uruguai. Neste artigo, Thun enfatiza a necessidade de se considerar a pluralidade de falares da região, não a concebendo de forma a delimitá-la – conforme a primeira descrição desta variedade, feita por Rona (1959) e comentada anteriormente.

Diante da complexidade deste quadro, Thun distingue cinco tipos linguísticos da presença lusa no Uruguai segundo diferenças areais, temporais e de intensidade. São eles 1) zona do português falado como língua materna; 2) zona deslusitanizada, o português como substrato; 3) zona de adstrato luso velho e novo; 4) zona de lusitanidade indireta; 5) zona de lusismos ou ocidentalismos peninsulares. Para os fins desta monografia, parece-nos importante apenas (re)conhecer essas subdivisões, uma vez que conduzem à conclusão de que, sim, é imprescindível que um futuro

estudo possa analisar de forma detalhada o português desta região e suas diversas influências.

1.2.3. Denominações *in vivo*⁹

Carimbão/Carimbado

A denominação *carimbão*, ou também *carimbado*, é reconhecida apenas em certas zonas rurais do norte de Tacuarembó; logo, não é um termo usual em toda a extensão da zona fronteiriça. Kersch (2006: 25) registra o termo em uma entrevista do ADDU-Norte, feita com informantes da classe de menor escolaridade (Cb) da geração mais velha (GII):

E2: Carimbão é uma língua que se fala ou é outra coisa?

I1: Não, é que a língua brasileira francamente, nós não entendemo ela bem clara.

E: Hmm

I1: Como porque quando nós vamo a um banco o algo e pelo [imcompr.] porque hay que entender [incompr.] por isso nós dizemo que nós temo na frontera temo uma língua atrasada pero [risos] não é bem clara como a deles. (CbGII)

Brasileiro

Parece ser uma forma mais neutra encontrada entre os falantes. Há alusão a seu emprego em Elizaincín; Barrios & Behares (1987), que o mencionam no título de seu trabalho. Blaser (2003) atesta sua ocorrência efetiva, nas entrevistas do ADDU.

Baiano

Este é um termo de conotação pejorativa, em referência aos baianos do Brasil (ou seja, do estado da Bahia), que carregam a fama de serem mais tranquilos e menos trabalhadores. Seu emprego na fronteira carrega portanto forte conotação de desprestígio, sendo talvez a denominação mais associada a preconceito.

Abrasilero

A própria estrutura do termo – isto é, formação de um segundo adjetivo por derivação do adjetivo primitivo “brasileiro” com a conotação de algo que *se tornou* “brasileiro” – já indica que esta denominação vale como *fala misturada*, algo que tende ao modo de falar brasileiro. Seu emprego se assemelha à denominação *entreverado*.

Entreverado

Segundo o dicionário da Real Academia Española (RAE), na Argentina, na Bolívia, no Peru e no Uruguai, o verbo *entreverar* é “*dicho de personas, de animales o de cosas: Mezclar desordenadamente*”. Diante das observações de Blaser (*apud* KERSCH 2006: 27), de fato o uso da denominação *entreverado*, na região analisada, tem como significado “mezclado desordenadamente”, já que não se trata nem de espanhol, nem de português.

O uso de *entreverado* transita entre a denominação para a língua que se fala e o próprio falante dessa variedade usual na região de fronteira, que é considerada misturada. Exemplos de uso do termo *entreverado* para designar, respectivamente, a língua que se fala e os falantes dessa variedade:

- Que no es brasilero ni uruguayo, está entreverado.

- Bueno, aqui nós dizemo baiano, porque semo entreverado, não somo brasilero nem uruguaio. [...] Nós semo baiano entreverado. (CbGII – homem)

Corrupio

Em relação à denominação *corrupio*, Blaser (2003) diz que este termo designa um tipo de brinquedo, além de uma brincadeira que consiste em um movimento de roda. Essa referência a roda remete ao termo *roda-viva*, que é uma espécie de dança. Segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986 *apud* BLASER, 2003: 108),

⁹ Esta seção segue amplamente o artigo de Blaser (2003), que faz um levantamento criterioso das variantes encontradas nos dados do ADDU-Norte.

roda-viva. S.f. 1. Movimento incessante; azáfama, lufa-lufa, cortado corrupio. 2. Barafunda, confusão, atrapalhação.

Observando a segunda acepção, podemos relacionar confusão ou atrapalhação justamente aos membros da comunidade fronteira, que, de acordo com essa visão, não saberiam o que falam, já que não falam nem português, nem espanhol.

Estraga-idioma/ Rompe-idioma

Por fim, têm-se as designações *estraga-idioma* e *rompe-idioma* para fazer referência à variedade utilizada na área de fronteira. Está claro que essas são duas das formas de desprestígio mais evidentes, já que a conotação negativa está expressa na própria denominação.

E: Como se chama a língua que fala?

I1: Bueno, no sé se português o [incompr.] estraga-idioma [incompr.]

I2: Para nosotros é português na fronteira

I1: É (CbGII)

Diante do exposto até aqui, damos seguimento à nossa análise no capítulo 2, desta vez voltando-nos à revisão do estado da pesquisa do contato português-espanhol na fronteira Brasil (Rio Grande do Sul) - Uruguai.

CAPÍTULO 2 – Panorama dos estudos: tópicos e lacunas na pesquisa do contato português-espanhol

Tendo em vista que esta monografia se propõe, como objetivo primeiro, à revisão e à consequente organização dos estudos realizados em nossa área, obtendo uma amostra do estado atual da pesquisa, faz-se necessário o comentário acerca do que se está estudando nesse âmbito da pesquisa linguística. Atualmente, entendemos que há dois eixos temáticos “em evidência”. O primeiro deles refere-se à educação em contextos bilíngues, incluindo questões concernentes à política linguística e a ações afirmativas para a otimização do ensino e aprendizagem de línguas na fronteira. Para tais questões, ver p.ex. Bortolini (2009), Brovotto, Geymonat & Brian (2007), Behares (2011).

O segundo eixo temático, por sua vez, é aquele em que se concentra nossa análise neste capítulo, que é o estudo da variação e do contato linguístico entre o português e o espanhol no norte do Uruguai – perpassando também a situação “do lado de cá” do limite político (Rio Grande do Sul). Pretende-se traçar um quadro dos principais tópicos de interesse em cada nível (fonético-fonológico, morfossintático, léxico-semântico e pragmático), considerando critérios como 1) quantidade e representatividade dos estudos sobre determinado tópico de pesquisa e 2) questões relevantes ainda em aberto nas pesquisas.

2.1. Questões fonético-fonológicas

O nível fonético-fonológico, junto ao nível léxico-semântico, é, de acordo com a bibliografia pesquisada, o que apresenta maior quantidade de estudos, bem como o que possui maior embasamento teórico e empírico. Dentro dos variados focos, tem-se consideráveis estudos acerca de quatro questões particularmente relevantes para a compreensão do contato português-espanhol. A seguir, analisamos algumas variáveis que têm merecido uma maior atenção, acrescentando aspectos que ainda carecem de um estudo mais aprofundado.

Metafonia

A metafonia é um processo nitidamente observável tanto na região de fronteira quanto no âmbito do ensino de língua estrangeira português-espanhol. Essa relação encontra respaldo inclusive em formas de *shibollet*¹⁰, como esta que Altenhofen registrou em pesquisas de campo para o projeto ALMA, na fronteira entre Paraguai e Brasil: “*Cair no poço não posso*”. Tal frase remete, dependendo da forma como é pronunciada, a um determinado grupo pertencente à comunidade fronteiriça. A metafonia está, portanto, a serviço de uma marca identitária, o que a torna especialmente interessante e atrativa aos pesquisadores da área.

Analisando-se a metafonia no âmbito do ensino, nota-se que os falantes nativos de português apresentam certa dificuldade para deixar de produzir a metafonia quando se comunicam em espanhol. É comum, por exemplo, o falante de português que se inicia na aprendizagem do espanhol pronunciar palavras como *América* ou *voces* usando a vogal aberta – respectivamente, *Am[ɛ]rica* e *v[ɔ]ces*, fonemas não tão comuns em espanhol. Em contrapartida, os falantes de espanhol encontram como impedimento as características, claramente mais simples, de seu sistema fonético-fonológico. Como não distinguem entre vogal média aberta e fechada – p.ex. [o] *versus* [ɔ] –, ao aprenderem vocábulos como “avô” e “avó”, apresentam problemas para distinguir as diferentes pronúncias e reproduzi-las – o que acarreta consequências para o campo semântico também.

Nos levantamentos de campo do ADDU, a metafonia recebeu uma atenção especial através da aplicação de um questionário específico que reproduzo a seguir:

Pesquisa suplementar

1. Um homem que conta muitas mentiras é (mentiroso)
2. Uma mulher.....(mentirosa)
3. E dois homens.....(mentirosos)
4. E duas mulheres.....(mentirosas)
5. Deste lado da fronteira vivem os uruguaiois, do outro lado os (brasileiros)
6. E um só?
7. E se fosse uma mulher?

¹⁰ “Any distinguishing practice that is indicative of one's social or regional origin. It usually refers to features of language, and particularly to a word whose pronunciation identifies its speaker as being a member or not a member of a particular group.” (Disponível em <http://www.memidex.com/shibboleths>. Data de acesso: 30/11/2011).

8. E duas mulheres?
9. Em Portugal vivem os (portugueses)
10. E um só?
11. E uma mulher?
12. Duas mulheres?
13. Uma forma carinhosa para uma criança de cor escura é (pretinho, negrinho)
14. E se fosse uma gurria?
15. E duas gurias?
16. E dois meninos?
17. Um homem que perdeu a vista é um (torto, cego)
18. E uma mulher?
19. E dois homens?
20. E duas mulheres?
21. Um homem que não é grande é petiço ou (pequeno)
22. E dois homens?
23. E uma mulher?
24. Duas mulheres?
25. Os que vivem na América são os (americanos)
26. E um só?
27. E uma mulher?
28. E duas mulheres?
29. Um homem de idade é (velho)
30. Uma mulher?
31. Dois homens?
32. Duas mulheres?
33. Uma cobra que pica é (venenosa)
34. O escorpião também é _____?
35. Duas cobras são _____?
36. Dois escorpiões são _____?
37. Casas construídas pelo estado a baixo custo são (econômicas)
38. E se fosse só uma?
39. E um carro que gasta pouca gasolina?
40. Dois carros?
41. Um homem que trata os demais com muito carinho e amor é (carinhoso, amoroso)
42. Dois homens?
43. Uma mulher?
44. Duas mulheres?
45. Um homem que já não vive está _____ (morto)
46. Dois homens?
47. Uma mulher?
48. Duas mulheres?
49. Uma comida com muito sabor e gosto é _____ (saborosa/gostosa)
50. Um prato?
51. Duas comidas?
52. Dois pratos?
53. Um homem que escreve com a mão esquerda é um _____ (canhoto)
54. Dois homens?
55. Uma mulher?
56. Duas mulheres?

Fonte: *Questionário ADDU: Português* – Elizaincín, A. & Thun, H. Com a colaboração de J. Blaser; R. Diaz Antognazza; S. Ferreira Machado; Reinheimer; C. Forte; F. Mendão de Sousa; Möckel; M. Moreira; C. Pereira; Wieland; E. Sonntag. Mogúncia 1990. p. 99.

Os dados coletados por meio deste instrumento do ADDU ainda aguardam análise mais aprofundada – até onde temos conhecimento. O que existe é um estudo

de Krug (2009), que, porém, ocupa-se da metafonía entre falantes de alemão em contato com o português e o espanhol. Apesar disso, a base teórica e metodológica desse estudo pode subsidiar pesquisas futuras. Há que distinguir, por exemplo, a metafonía na conjugação verbal e no plural dos substantivos e adjetivos.

É relevante salientar, entretanto, a necessidade de aprofundamento de certas questões, tais como o processo de transferência da metafonía no contexto de ensino e aprendizagem de L2 (tanto sendo esta português quanto espanhol).

Sonoridade nas sibilantes

/s/ : /z/

Semelhantemente à metafonía, a oposição do traço de sonoridade, em especial nas sibilantes */s/ : /z/*, caracteriza-se por uma percepção social bastante clara. Em relação a essa variável, novamente registra-se um *shibollet* associado a uma história recolhida por Altenhofen, em levantamento para o ADDU, na fronteira Rio Grande do Sul/Uruguai. Diz-se que um general, após uma batalha, teria sugerido a seguinte solução para identificar se os prisioneiros eram hispano-uruguaios ou luso-brasileiros – uma vez que estes, como se sabe, habitavam grandes áreas do norte do Uruguai: bastaria mostrar-lhes um pauzinho e perguntar como se chamava aquele objeto. Se o prisioneiro respondesse *pau/s/inho*, deduzia-se que este era urguai; se, por outro lado, respondesse *pau/z/inho*, a probabilidade era de que fosse brasileiro.

Um dos poucos estudos que pudemos identificar sobre essa oposição fonêmica e sua variação foi o de Scharf (2000), que, por meio de dados do ADDU, observou haver variação na realização de */s/* e */z/* entre uma variante que sibilava e outra que ciciava. Assim, identificaram-se, no grupo das realizações pré-dorso-dentais, três variantes, quais sejam 1) *variante predominante em Portugal (e em geral no Brasil), em que a língua toca levemente os incisivos inferiores*; 2) *variante em que a língua se adianta um pouco mais em direção à boca, exercendo uma pressão mais forte sobre os incisivos inferiores, ação que resulta em um som ciciante reforçado, dando a impressão de uma realização interdental*; 3) *variante em que a*

língua se aplaina, empurrando-se ao mesmo tempo com força contra os incisivos inferiores, os alvéolos e os dentes superiores.

Na região de fronteira entre o norte do Uruguai e o Rio Grande do Sul, chamou-nos a atenção o resultado encontrado por Scharf: há uma distribuição diasssexual estável entre as variantes. Este autor concluiu que a diferença de realização entre homens e mulheres deve ocorrer em função da elevada tensão articulatória da variante usada pelos homens. A seguir, tem-se o gráfico desenvolvido por Scharf com a representação dos respectivos percentuais de ocorrência para a realização do /s/ intervocálico. Notamos que não há legendas para os números; apesar de sabermos que estes fazem referência às diferentes variantes (0 para a variante que sibila e 1, 2 e 3 para as variantes pré-dorso-dentais), constitui uma falha na exposição do gráfico.

Distribuição diasssexual das variantes do -s- intervocálico

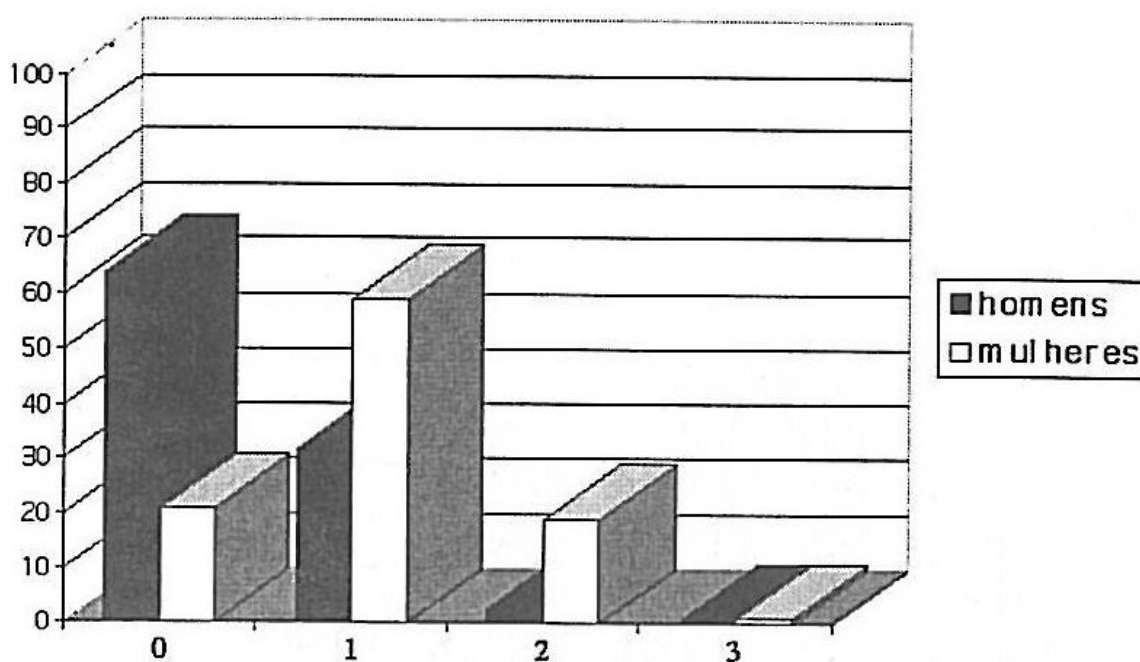


Gráfico 1: Distribuição diasssexual das variantes de -s intervocálico nos dados do ADDU-Norte, conforme Scharf (2000: 283).

Na área de fronteira entre o norte do Uruguai e o Rio Grande do Sul, chamou-nos a atenção o resultado encontrado por Scharf: há uma distribuição diasssexual estável entre as variantes. Este autor concluiu que a diferença de realização entre homens e mulheres deve ocorrer em função da elevada tensão articulatória da variante usada pelos homens.

De qualquer forma, esta variável ainda carece de especial atenção, a fim de que de fato se entendam as razões do uso de cada variante. Um olhar mais atento sobre o espanhol peninsular mostra que o fenômeno do *ceceo* é amplamente percebido pelos falantes. Por exemplo, em viagem a Barcelona, quando perguntada pelo taxista acerca do endereço de destino, informei-lhe que era na “*Calle Córdoba, número 13*”, ao que ele, imediatamente, respondeu: ¿*Tre/s/ o tre/θ/e?* Este tipo de indagação revela que a distinção entre /s/ e /θ/ pode ter, ao menos nessa área de ocorrência de *ceceo*, implicações na compreensão do significado de determinadas palavras, como aqui, entre ‘três’ e ‘treze’.

Sob a ótica do ensino, a pronúncia das sibilantes gera igualmente consequências para a comunicação, pois o aluno aprendiz de língua adicional, se não recebe uma orientação adequada acerca de todas as possíveis realizações de determinado fonema, apresenta certas lacunas em seu processo de aprendizagem, não compreendendo a língua com sua variedade e pluralidade.

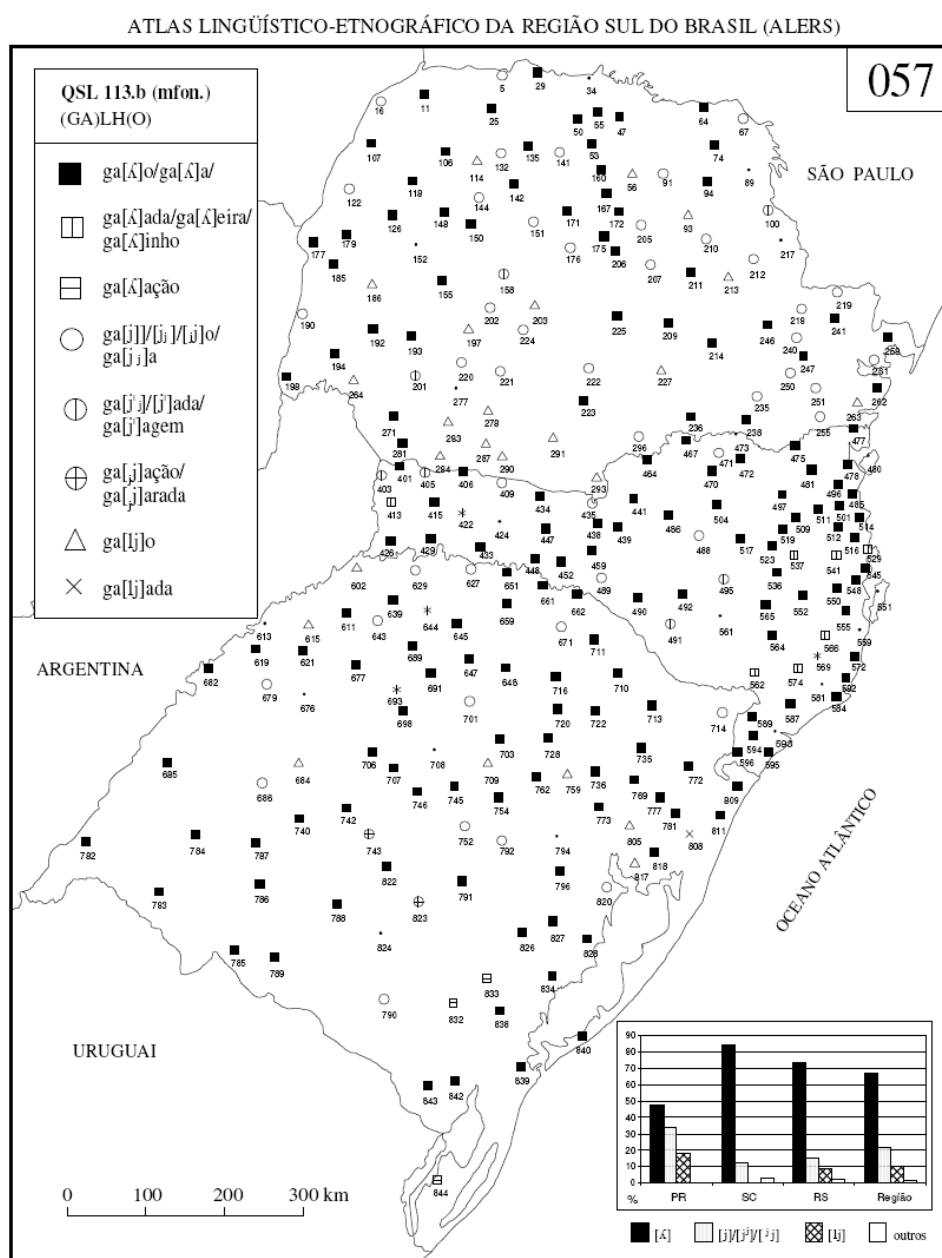
Yeísmo

Os primeiros dois volumes do ADDU ocupam-se, de maneira exaustiva, com a análise do yeísmo no espanhol e no português. A escolha dessa variável já mostra a importância que assume como marca característica do espanhol uruguaio. Verificar como essa se realiza também no português uruguaio torna o tema ainda mais instigante.

/j/eísmo : /ɲ/eísmo

No fascículo destinado à análise do português, o ADDU traz a ocorrência crescente da fricativa médio-palatal /j/ em substituição à lateral palatal /ɲ/,

principalmente em CbGII. Assim, teríamos realizações como mi/j/u¹¹, para *milho* e fi/j/u, para *filho*. Em dados do ALERS (carta 57, ver abaixo), também registram-se ocorrências de yeísmo, como na pronúncia de *galho* e *folha* (ga/j/u e fo/j/a). Especialmente no Rio Grande do Sul, tais realizações são bastante estigmatizadas, em vista da sua associação com a fala caipira e/ou com camadas sociais mais populares, de escolaridade mais baixa.



Mapa 1: Mapa 057, do ALERS: Cartas semântico-lexicais (2011).

¹¹ É interessante notar que o yeísmo, neste caso, costuma vir acompanhado pelo alçamento da vogal /o/ átona final; por esta razão, optou-se pela representação com a letra *u*.

Caberia, aqui, um estudo comparativo, nos mesmos moldes do ADDU, com o português do resto do Brasil, especialmente em São Paulo. Isso poderá ser possível com as pesquisas do ALiB, em elaboração.¹²

/ʃ/eísmo : /z/eísmo

O Uruguai passou por um processo de mudança de atitude em relação à produção de palavras como *ella*, *calle* e *verno*. Poderíamos esquematizar tal processo da seguinte forma (cf. BARRIOS, 2010):

Espanha	Río de la Plata – séc. XVIII	Río de la Plata - séc. XX
/j/ →	/z/ →	/ʃ/

A explicação dada por G. Barrios, em disciplina ministrada na Universidad de la República¹³, é de que, em relação à Espanha, ocorreu no Rio da Prata a neutralização através do *rehilamiento* (que, em português, é a deslateralização com a ocorrência de um som que se aproxima da fricativa palatal /j/). Durante décadas, manteve-se apenas a pronúncia intermediária; com o tempo, porém, essa variante sofreu um processo de ensurdecimento, tornando-se [ʃ]. Em um primeiro momento, o uso da última forma não era bem visto por homens, já que era marcada pelo uso exclusivo de mulheres, além de homens da classe artística ou homossexuais. Uma explicação viável para a mudança é de que as mulheres, enquanto mães, foram provavelmente as pessoas responsáveis pelas mudanças, por serem as responsáveis pelo primeiro contato linguístico de seus filhos. Com isso, o /ʃ/eísmo passou a ser marca identitária dos jovens em geral, sendo hoje a forma mais utilizada, ficando a ocorrência do /z/eísmo, segundo os dados do ADDU e de Barrios, restrita à geração mais velha (+50 anos).

Nos dados do ADDU, observa-se que o /ʃ/eísmo representa uma realização fonética inovadora, enquanto o /z/eísmo equivale à variante mais conservadora.

¹² *Atlas Lingüístico do Brasil*. Ver Cardoso & Mota (2003).

¹³ Anotações feitas por Mariana Santana Duarte, em 2010, gentilmente compartilhadas com a autora deste TCC.

Convergindo com as observações de Barrios (2010), concluiu-se também no ADDU que há um centro de irradiação da forma inovadora que é externo ao território uruguaio: provavelmente, Buenos Aires. Para um futuro estudo, caberia ampliar a análise a fim de justamente identificar a origem de tal fenômeno de forma mais detalhada, assim como verificar relações entre o português e o espanhol no que concerne a esta variável. Além disso, notou-se que, pelos dados coletados nos grupos CbGII e CaGII, já se constatou a ocorrência de /ʃ/eísmo na geração jovem (GI), sendo hoje uma marca de prestígio, presente em praticamente todo o território, e predominantemente nos grupos CaGI e CbGI. Valem, aqui, as mesmas observações feitas em relação ao /j/eísmo do português.

Diante das observações acerca do yeísmo em ambas as línguas em estudo, coloca-se a pergunta se é possível levantar a hipótese de um paralelismo entre espanhol e português. A palavra *mulher* – com realização palatal lateral em português – sofre redução para mu[j]é em alguns contextos, assim como pae[ɫ]a tornou-se pae[j]a em espanhol, antes de chegar a pae[ɣ]a e pae[ʃ]a, como analisado anteriormente. Assim, a fase de mudança de [ɫ] para [j] no espanhol apresenta semelhanças com o que ocorre atualmente no português. Além disso, nota-se que, na região fronteiriça, o fenômeno do /j/eísmo em português é recorrente, auxiliando na lógica de que o contato pode ser um dos responsáveis pela variação linguística desta variável.

As consequências de tal fenômeno para o ensino giram em torno da noção de valor de cada pronúncia. O /j/ do português possui um valor distinto do /j/ espanhol, tendo este maior prestígio - com a observação, é relevante lembrar, de que esta equivale justamente à pronúncia peninsular. Desta forma, no contexto da sala de aula, em que se apresentam as variadas possibilidades de realização de palavras como *calle* e *verno*, os professores têm de estar cientes das questões de pluralidade e diversidade linguística, esclarecendo que nenhuma pronúncia é “melhor” ou “mais correta” e que depende, p.ex., da norma vigente em cada país a escolha da pronúncia mais adequada.

Palatalização de /t/ e /d/

A palatalização das oclusivas surdas e sonoras ([tʃia] e [dʒia]) foi objeto de análise tanto do ALERS quanto do ADDU. A não-palatalização é associada, no senso comum, a uma marca da fala rural (do português rural e de menor prestígio). Além disso, costuma aparecer na linguagem gauchesca e de imigração italiana. Uma análise superficial de cartas do ALERS¹⁴ permite antever a hipótese de que, no caso da fala do português da Campanha – que atinge a área de fronteira – geralmente associada à não ocorrência de palatalização, observam-se, pelo contrário, índices bastante significativos de palatalização. Isso, provavelmente, poderia ser um indício de marcação do pertencimento à comunidade de fala do português, onde a palatalização é característica, em oposição à não palatalização, típica do espanhol.

Essa relação da palatalização como característica do português brasileiro é atestada, aliás, nos dados do ADDU, em que se assume que esta é uma característica do português brasileiro, mas que, no entanto, não chegou a todo o território (cf. THUN, 2009). Assim, os pesquisadores buscaram reconhecer até onde chegou a palatalização e a quais regularidades sua expansão obedeceu. Concluíram que não é possível defender uma palatalização generalizada em nenhum dos países. No Brasil, há um caminho em direção à homogeneidade da ocorrência de palatalização, enquanto, no Uruguai, por outro lado, evidencia-se o aumento da heterogeneidade, o que nos faz pensar em uma mudança em curso – da realização conservadora à de maior prestígio.

Haveria, certamente, um conjunto de outras variáveis fonéticas (convergentes e divergentes) que poderiam ser consideradas ainda no estudo do contato português-espanhol. Para os fins desta monografia, que busca traçar um panorama, importa destacar aquelas que têm realmente merecido atenção maior da pesquisa e apontar lacunas.

¹⁴ Ver in: ALERS: Cartas fonéticas e morfossintáticas (2011), cartas 28 a 31/32/33 (c).

2.2. Questões morfossintáticas

Apesar de não ser o nível com a maior quantidade de estudos realizados, o nível morfossintático é, sim, bastante relevante no contexto da variedade de contato utilizada na fronteira. As questões morfossintáticas são ainda muito difusas no estudo do contato português-espanhol; concomitantemente, são também muito pontuais, sem haver uma avaliação do todo. Pareceu-nos bastante oportuno a análise do que foi pesquisado até agora por ser um nível que pode servir muito a professores de ambas as línguas em sua variedade estándar – caso da autora –, visto que processos de simplificação ou assimilação são muito comuns na aprendizagem da morfossintaxe de uma língua adicional. Seguem, portanto, as principais questões relativas a esse nível linguístico.

Pronomes relativos

Os pronomes relativos já foram abordados por Kersch (2006) de forma relativamente exaustiva. Kersch observou uma tendência de simplificação das estruturas com orações relativas, com os falantes optando repetidamente por pronomes como *que* – com apagamento da preposição, principalmente na fala –, enquanto formas mais complexas, como *cuyo*, estão sendo gradativamente abandonadas tanto no português quanto no espanhol, ficando seu uso restrito a alguns empregos na língua escrita.

Além disso, Kersch (2006) constatou também que o uso de orações relativas é muito mais frequente entre indivíduos da classe alta (Ca) em comparação aos da classe baixa (Cb). Isso se deve à complexidade desse tipo de estrutura, que faz com que muitos falantes optem por construções mais simples. O uso de relativos se mostrou mais frequente também em respostas às perguntas do questionário elaborado pela autora que em conversa espontânea/livre (cf. KERSCH 2006: 150).

“Huvo um comerciante aí que el nombre de esse comerciante era Belsarena.”
(A1 – CbGII)

No exemplo acima trazido por Kersch, nota-se o uso do *que* polivalente, já que os falantes da Cb desconhecem as formas *cujo/cuyo* – pronomes aprendidos na escola. Este pronome relativo ainda sobrevive no espanhol, mas apenas em falantes da Ca, que tem mais contato com a variedade escrita. É justamente por não se ter contato com materiais escritos em contextos rurais do norte do Uruguai que a hipotaxe e as construções relativas não são comuns na fala - generalizando-se o uso do *que* para as orações relativas.

Outro fenômeno notório não só na faixa fronteira, mas também em toda a extensão de uso de português e espanhol, é a omissão da preposição junto ao pronome relativo – a “relativa cortadora”. Observemos os seguintes exemplos de Kersch (2006: 147, 148):

“... fue lo que después me defendí en la vida” (RO4 – CbGII)
 “... las piedras que yo hablé hoy” (A1 – CbGII)

A omissão da preposição obrigatória em função da regência verbal ocorre possivelmente pela complexidade da construção relativa. Da mesma forma que Tarallo (1986) já havia notado, Kersch concluiu que essa é a estratégia mais utilizada pelos falantes quanto a complementos preposicionados; contudo, afirma que a relativa cortadora só se dá quando não há prejuízos para a clareza, sendo uma questão apenas de norma gramatical.

Nas considerações finais, Kersch acentua a relevância dessas questões para o ensino, bem como a expectativas de que os resultados de seu estudo sirvam de auxílio ao professor, para compreender como se dá essa variação:

“de ajuda para o professor do Ensino Médio dessa região. Acreditamos que, com o conhecimento desses resultados por parte do professor, ele possa auxiliar seu aluno a encontrar a forma mais adequada de se expressar [...], ajudando-o a melhorar seu desempenho linguístico.”. (2005: 199)

Há, neste sentido, ainda um debate em aberto, que é aquele que diz respeito ao tratamento dado às orações relativas, na sala de aula bilíngue. Afinal, como essa classe é tratada pelos usuários da variedade fronteira no contexto escolar? Usam o *que* polivalente ou apresentam certa variação?

Regência de verbos: o caso de *gustar* / *gostar*

É de extrema relevância ter em conta as características das línguas que entram em situação de contato. Elizaincín (2008: 183) afirma que

“no caso do português/espanhol, a situação é bem clara: ambas as línguas têm a mesma origem, pertencem a uma mesma tipologia e compartilham uma mesma realidade não só em América, mas também já na Europa, desde o começo de ambas as histórias.”

Logo, em línguas em que as características de 1) origem, 2) tipologia e 3) arealidade são semelhantes, o trabalho deve ser minucioso no sentido de discernir quais aspectos provêm de cada língua exposta ao contato. Nesse tipo de análise, é crucial a consideração de um fenômeno denominado por Elizaincín como “gramáticas em conflito”, que seria a forma como dois sistemas gramaticais coexistem e interagem. A expressão “em conflito” parece remeter a algo necessariamente negativo; a nosso ver, gramáticas *em contato* seria mais adequado.

Elizaincín destaca, a título de exemplo, a questão dos verbos *gustar* / *gostar*. Em português, esse tipo de verbo se constrói com o experimentador no nominativo (*eu gosto de*) – S – V – OI; em espanhol, com dativo (*me gusta*) – OI – V – S; entretanto, o contato das duas línguas gera enunciados como *Yo gusto de galletitas* ou *Juan gusta de Rosa*. Esse tipo de construção, que seria um desvio de padrão normativo, na zona de fronteira (onde as duas línguas se encontram), não só é aceito, mas também é o que caracteriza linguisticamente a região. Além dessas construções, Elizaincín (1992: 133) identificou em seu *corpus* também construções como *Eu gosto viajá*, em que o português sofre interferência do espanhol, ou *A mí me gusta más de hablar brasileiro*, em que a estrutura do espanhol sofre, dessa vez, interferência do português. Este comportamento é observado também em verbos como *doler*, *parecer*, *encantar*, etc.

Além do registro de tais ocorrências na situação de contato linguístico e bilinguismo societal, coloca-se a pergunta novamente de como tais realizações são tratadas no ensino de português ou espanhol como língua materna e como língua adicional, já que a sua descrição no contexto social mostra tratar-se de marca muitas vezes comum e generalizada da fala fronteiriça de modo geral.

Uso variável dos verbos *tener/ ter e haber / haver*

O verbo que expressa impessoalidade por excelência, tanto em português quanto em espanhol, é o *haver / haber* – p.ex. “*Há muitas pessoas aqui.*” / “*Hay muchas personas aquí.*”. No português, contudo, existe a opção de uso da terceira pessoa do singular do verbo *ter*, para expressar impessoalidade. Na variedade fronteira entre o RS e o norte do Uruguai, Elizaincín (1992) observa a distribuição entre ambos os verbos:

Base portuguesa:¹⁵ “*Condução aqui não tem, vem o omnibus que pasa ahí*”
 Base espanhola: “*Tiene niño en la escuela*”

Tais construções conduzem à conclusão de que há, sim, transferência de características de uma língua à outra, estabelecidas pelo contato. Em diversos materiais didáticos de língua espanhola, encontra-se uma forte prescrição no sentido de usar apenas o verbo *haber* para expressar impessoalidade; entretanto, diante da observação de várias ocorrências com o verbo *tener* em espanhol, como no diálogo recolhido por Elizaincín (*¿Tiene pan? Sí, tiene.*), observam-se indícios de uma mudança em curso no espanhol dessa região, no que se refere à variável <haver / ter com sentido impessoal>. Dessa forma, este é mais um tópico que merece atenção especial pelos estudos do contato português-espanhol.

Outras variáveis morfossintáticas: demandas nos estudos

A variação morfossintática equivale a uma área ainda pouco explorada, em comparação com o nível fonético-fonológico, por exemplo. Há diversas questões que mereceriam uma atenção maior, mas que ainda não foram abordadas. A seguir, listamos alguns tópicos intrigantes que podem servir de inspiração a novos estudos.

a) Concordância nominal – marcação de plural no SN

¹⁵ No português uruguaio, apesar de não possuímos dado específico que comprove essa suposição, coloca-se a pergunta se seriam possíveis mesclas do tipo “*Aquí, no Uruguai, no hay café como tem no Brasil.*” O mais provável é a adoção mais ou menos estável da forma *hay*, do espanhol.

Uma pergunta que valeria a pena aprofundar é a relativa à transferência, ao espanhol de contato, do paradigma, amplamente difundido no português brasileiro, de redução das marcas de plural no sintagma nominal, como em *as casa azul* (ver mapa 026.a do ALERS: Cartas fonéticas e morfossintáticas, 2011).¹⁶ Há algo específico para a fronteira? Os *hispanohablantes* também realizam a marca de plural apenas no artigo, como ocorre no português falado no Brasil?

b) Concordância verbal

Em entrevistas gravadas por C.V. Altenhofen e S. Gewehr-Borella para o ALiB, em São José do Norte, observou-se com frequência a concordância verbal com as marcas da segunda pessoa do singular, como na forma *Viste?*, bastante comum na interação entre os falantes dessa comunidade. Este dado corrobora o mapa de *tu* e *você*, do ALERS (v. ALTENHOFEN 2008), onde o verbo com uso de *tu* perde as marcas de segunda pessoa e passa a ser conjugado com a forma de terceira pessoa, com exceção de alguns pontos de fronteira, entre os quais o extremo sul do Rio Grande do Sul, onde se situa São José do Norte. Seria esta uma influência do espanhol? Caberia, enfim, aprofundar mais essa questão.

c) Regência verbal e nominal

Há alternância entre as regências do espanhol e do português? Exemplificando, o verbo *necesitar / necessitar*, que tem regências distintas em cada uma das línguas, apresenta realizações conforme a norma daquela língua? Não há, na fronteira, mescla entre as estruturas de cada língua – como ocorre com o verbo *gustar / gostar*? Caberia aqui um levantamento de casos desse tipo.

d) Voz Passiva Analítica

Visto que a voz passiva analítica é mais usual em português que em espanhol, língua em que se opta pelas construções com passiva sintética – por exemplo, *Se hizo una tarta*, e não *Una tarta fue hecha* –, coloca-se a pergunta sobre a

¹⁶ O ALERS: Cartas fonéticas e morfossintáticas (2011) traz um conjunto de 29 mapas para a variação da concordância de plural.

possibilidade de ocorrências de passiva analítica quanto mais próximo se está da fronteira com o Brasil.

Feitas essas considerações, que são apenas um início de trabalho e um diagnóstico do estado da pesquisa do contato espanhol-português na fronteira Brasil-Uruguai, passemos a outro nível de análise, este sim já com uma base de estudos mais ampla.

2.3. Questões léxico-semânticas

O nível léxico-semântico tem recebido a atenção de um número comparativamente maior de estudos, provavelmente em virtude de se tratar de evidências mais claras e mais perceptíveis nos estudos e no contexto onde ocorrem. Este assunto é ainda mais intrigante quando estão em jogo línguas próximas – caso do português e do espanhol. Segundo Elizaincín (1992: 41), no contato entre tais línguas, é muito mais difícil dizer a qual delas determinada palavra pertence. Além disso, este é um nível muito mais controlado pelo falante que o nível fonético-fonológico, por exemplo, sendo interessante, então, estabelecer as diferenças de interferência nas questões relacionadas ao léxico considerando a consciência que o falante tem sobre ele.

Biderman (1998: 13) afirma que *“é o léxico o único domínio da língua que constitui um sistema aberto, diversamente dos demais, que constituem sistemas fechados”*, e, talvez, seja por isso que o *“léxico é o nível lingüístico que melhor expressa a mobilidade das estruturas sociais, a maneira como uma sociedade vê e representa o mundo.”*

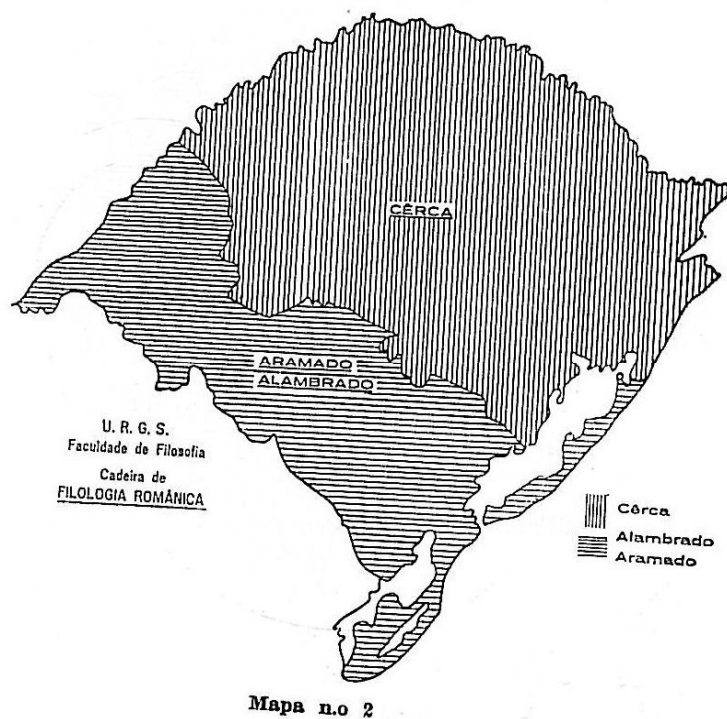
Estudos do léxico no contato espanhol-português na fronteira Brasil-Uruguai

Bunse (1969), com a colaboração de Klassmann, pesquisou questões léxico-semânticas em zonas bilíngues e, para isso, elaborou um questionário que abrangia duzentas palavras, sendo aplicado no lado brasileiro da fronteira. Para a inclusão de perguntas recíprocas em pontos do lado uruguaio, contou com a colaboração do

professor José Pedro Rona, um dos primeiros estudiosos de dialetologia nessa área. A fim de ilustrar a pesquisa de Bunse, segue um trecho do questionário utilizado por ele, bem como um mapa ilustrativo.

APÊNDICE		
QUESTIONÁRIO N.º 1		
No	Escola	
	Localidade	
	Município	
	Nome do Colaborador	
I		
Sublinhar a palavra usada na localidade:		
aranha — charrete — feito (fáiton) — cadelirinha — sulqui		
cêrca (cêreo) — arâmado — alambrado		
canga — jugo		
índio — bugre		
fazenda — estância		
tosar — tosquiar — esquilar		
urubu (aribu) — corvo		
bergamota (vergamota) — tangerina — mexerica — mexeriqueira		
II		
Escrever no espaço em branco se a palavra em questão é normalmente usada nessa localidade com a significação indicada. (A acrescentar outras significações, se ocorrerem)		
palavra	significação	sim ou não; observações
contestar	responder	
leviano	leve	
linha	ônibus	
palanque	moirão	
pena	torneira	
piola	barbante, cordão	
rastilho	ancinho	
revertero	fogareiro	
costurar	coser	
cozer	cozinhar	
arve	árvore	
forfe	fósforo	
III		
Escrever no espaço em branco se a palavra ou expressão é usada nessa localidade, e com que significação.		
palavra ou expressão	ou não ocorre	significação
banzo, banzeado		
bodeque		
cabeludo		
cabungo		
cangalha		
engaço		
estilingue		
funda		
pandorga		
papagaio		
ranchos		
susmete		
sosnete		
tôda a vida		
aque		

Fig. 1: Questionário elaborado por Bunse & Klassmann (1969), para o léxico do contato português-espanhol.

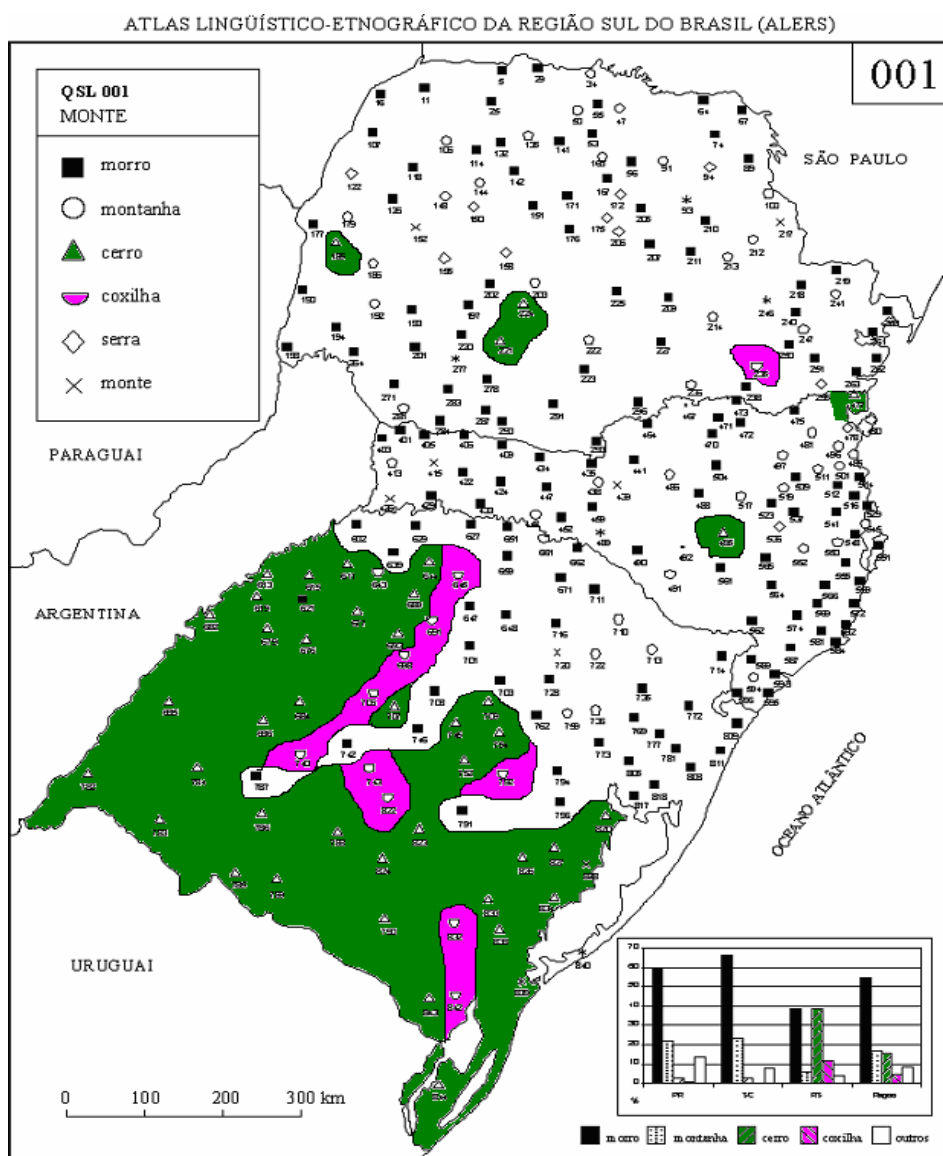


Mapa 2: Mapa da variação de *aramado* / *cerca*, segundo Bunse & Klassmann (1969).

O mapa observado revela uma tendência constante: quanto mais próximo da fronteira com o norte do Uruguai, tanto mais se observa a presença de léxico oriundo do espanhol ou característico da variedade fronteiriça. Enquanto *cerca* ocorre como a opção da maioria do estado, *aramado/alambrado* são as formas mais utilizadas da região fronteiriça. Vale lembrar que o termo espanhol *alambre* equivale à forma *arame* do português (que é possível associar a um tipo de cerca em função do material de que pode ser feita).

Koch (1995) faz uma análise sucinta de “hispanismos” (ou “espanholismos”) mais comuns, a partir do material coletado por Bunse, acrescido de dados do ALERS no RS. Há duas questões especialmente interessantes abordadas em seu artigo: 1) a crítica à visão equivocada de muitos políticos, intelectuais e membros da população brasileira em geral no que se refere à impressão de “platinização” do Rio Grande do Sul, como se não fôssemos parte integrante do Brasil, aproximando-nos muito mais da cultura rioplatense. Tal afirmativa é contestada por meio do seguinte argumento de Koch: com base em dados do ALERS, nota-se uma “*gradativa diminuição da presença do substrato castelhano no português regional*” (idem, p. 194), como é o caso de *estância / fazenda*, com a primeira variante apresentando um recuo acentuado. 2) A crítica à visão equivocada de que o Rio Grande do Sul é uma unidade homogênea de identidade coletiva quando, em realidade, apresenta uma constante divisão em duas regiões culturais muito nítidas (sul e oeste, apropriados à criação de gado ou culturas extensivas e ocupada por imigrantes lusos apenas a partir do século XVIII; centro, com atividades de agricultura em pequenas propriedades, com uma sociedade consequentemente caracterizada pelo pluralismo cultural).

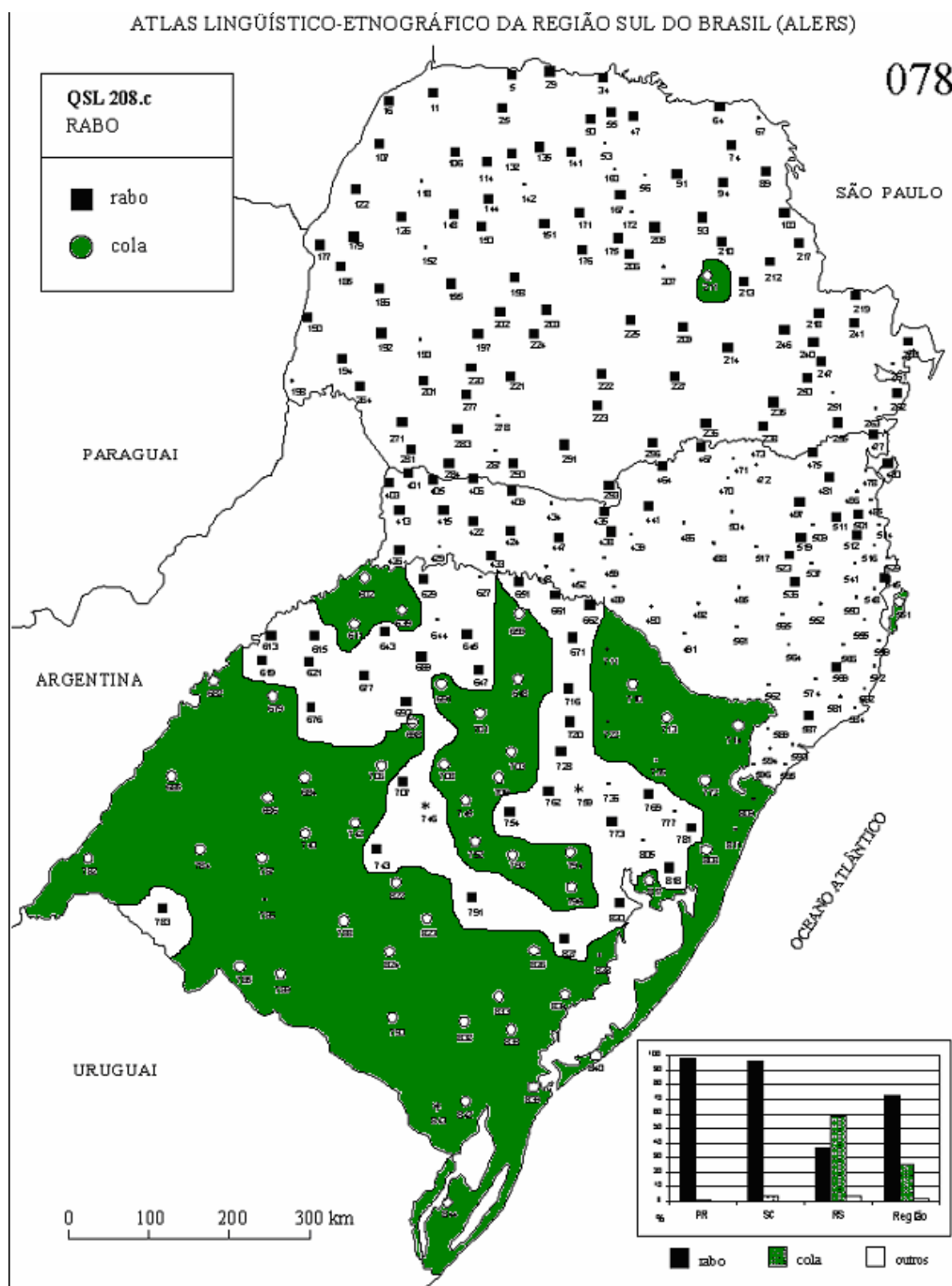
As questões lexicais com base nos dados do ALERS foram aprofundadas por Rocha (2008), em sua dissertação de mestrado. Comentaremos, neste trabalho, apenas duas variáveis de seu estudo. Rocha considerou, inicialmente, a seguinte questão do questionário semântico-lexical (QSL) do ALERS: *como se chama aqui uma elevação de terra bem alta?* Em seguida, para analisar o respectivo mapa do Atlas, valeu-se do traçado de isoglossas (linhas auxiliares), para visualizar com mais clareza as realizações de determinada variante. O resultado pode ser visto no mapa a seguir:



Mapa 3: Arealização, segundo Rocha (2008), das variantes para o lema *monte*, com base no mapa 001, do ALERS: Cartas semântico-lexicais (2011).

A palavra que ocorre com a frequência mais alta, na Região Sul, é *morro*, que corresponde a mais de 55% das respostas em toda a Região. No Rio Grande do Sul, as variantes predominantes são *cerro* e *coxilha*; juntas somam cerca de 50% das respostas, distribuindo-se majoritariamente em uma larga faixa da fronteira com o Uruguai e a Argentina e em partes do Centro e Norte do Estado. *Cerro* é a variante utilizada na faixa de fronteira, o que é mais um indicativo da influência do contato no léxico - visto que esta é a palavra amplamente utilizada por uruguaios e argentinos para se referir a uma “elevação de terra bem alta”.

Outro exemplo interessante analisado por Rocha é a variação para a designação *rabo*. A pergunta do questionário foi a seguinte: *Quais são as partes do corpo a) do cavalo; b) do boi; c) da ovelha?* Os resultados podem ser visualizados na figura abaixo.



Mapa 4: Arealização, segundo Rocha (2008), das variantes para o lema *rabo*, com base no mapa 078, do ALERS: Cartas semântico-lexicais (2011).

Rocha busca, ao longo de seu estudo, sempre trazer a definição de um dicionário de língua portuguesa e de outro de língua espanhola. Pareceu-nos relevante a definição que o Novo Dicionário Aurélio traz para *cola*:

“O Novo Dicionário Aurélio trata do termo *cola* como sendo originário do espanhol *cola* que denota *cauda, rabo ou rasto, rastro, encalço*, como por ex. na frase: “O chiru foi andando..., e eu, na *cola dele*” (LOPES NETO apud AURÉLIO, 1986, p.428). O dicionário traz também a expressão *bater com a cola na cerca*, que seria um *brasileirismo usado na linguagem popular do Sul do Brasil que significa o mesmo que morrer.*” (ROCHA 2008: 78)

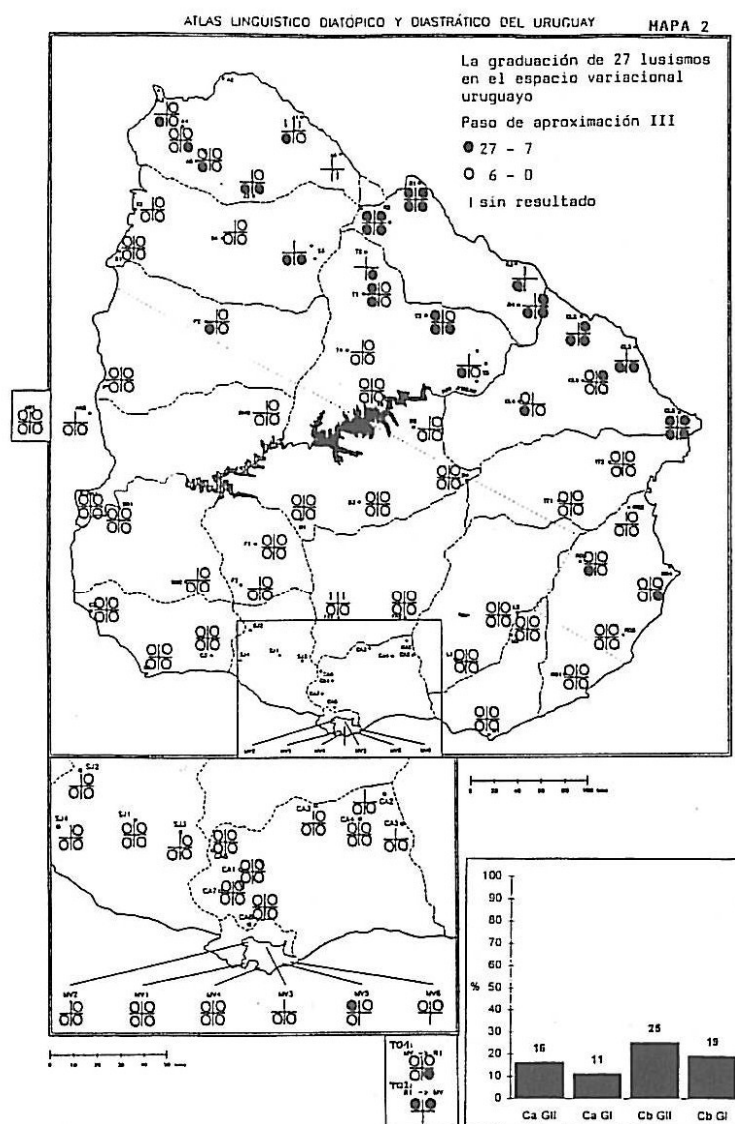
É interessante observar que este termo, originário do espanhol, está registrado em um dicionário de língua portuguesa. *Cola* não só é utilizado em região fronteiriça, mas também em toda a extensão do estado, tendo registros de ocorrência inclusive na capital – como em *Vamos fazer uma cola?* (*cola* significando ‘rabo de cavalo’).

Assim como Altenhofen (2008), Rocha considera que há sim uma área de português de fronteira e que seus diversos níveis de influência devem ser considerados no momento da análise dos dados. É interessante notar que algumas questões são deixadas em aberto, afinal, Rocha reconhece que não se podem fazer afirmações categóricas quando se entrevista um indivíduo apenas por ponto de inquérito (banco de dados do ALERS). Assim como Rocha, acreditamos que há caminhos a serem descobertos na área, passando da *identificação* do que ocorre a uma *análise* de maior detalhamento.

Perspectiva do lado uruguaio da fronteira

Para a análise do léxico pelo lado uruguaio, tem-se o artigo de Römischer (2000), em que se analisou um *corpus* de 27 lusismos nos dados do ADDU-Norte. Os itens analisados foram os seguintes: *bugre, caboclo, cafuz/cafuzo, sobranceiras, menina do olho, ramela/remela, zarolho, torto, vesgo, virolo, torto virola, mouco, surdo, terçol/terçolho/treçolho, dentes do siso, dentes do juízo, fanhoso, beçudo, gago, dentuça, favas/favolas.*

A conclusão de Römischer foi de que o grupo CbGII é o que revelou maior conhecimento de termos lusófonos. Vale destacar que se trata do grupo que ainda tem a maior proficiência no português, que, no norte do Uruguai, é interessante lembrar, funciona como língua minoritária e marginal. O mapa abaixo comprova não só esse aspecto, mas também a ocorrência de lusismos em maior grau nos pontos mais próximos à fronteira e, portanto, mais diretamente em contato com o português.



Mapa 5: Ocorrência de lusismos no espaço variacional do português uruguaio, a partir de dados do ADDU, conforme Römischer (2000).

Seria interessante poder contar com cartas contíguas que juntassem dados do ALERS e do ADDU em um único mapa, para permitir uma análise mais acurada da extensão das variantes e das possíveis razões para a sua difusão através da fronteira, tendo em vista que alguns destes termos possuem cartas no ALERS (como *bugre*), o que pode ser bastante útil para os futuros estudiosos deste nível de análise.

2.4. Questões pragmáticas

A pragmática toca em uma série de aspectos do uso de espanhol e português que têm direta relação com a interação social de seus falantes, sendo por isso muitas vezes tema de comparação e análise pelos próprios membros das distintas comunidades de fala. Um exemplo são os marcadores discursivos – no caso do espanhol, temos *dale, viste, bueno*, para contextos amplos, como final de pergunta, e *buen provecho, qué disfrutes, qué lo pases bien, qué lo pases lindo*, para despedidas em geral. A ocorrência de *bueno* ou *tché* em determinadas áreas e situações no Rio Grande do Sul, assim como também de formas já comentadas como a de *Viste?*, comum na área de São José do Norte, por exemplo, levanta a questão acerca da influência que o espanhol – e que o próprio português do norte do Uruguai – exercem sobre a variedade utilizada nesta região.

Formas de tratamento

É de praxe ouvir que o *voseo* é um fenômeno típico do Rio da Prata. Entretanto, pouco se sabe que o uso de *vos* como pronome de tratamento também foi comum na Península Ibérica até o século XVI. É interessante observar, além disso, que, em função do contato comercial de países como México e Peru com a Espanha, tais zonas sofreram a influência da passagem do *voseo* ao *tuteo*, restando apenas resquícios daquela forma na contemporaneidade. Por sua vez, o território uruguaio, que sempre esteve à margem das rotas comerciais, teve o *voseo* conservado.

Steffen (2010) destaca a necessidade de se estudar a situação linguística do Uruguai como algo heterogêneo, sem generalizar as características não só do país, como também da região rioplatense em sua totalidade.

“Por más que la vecindad de la Argentina muestre sus efectos en el habla uruguaya y aunque históricamente los dos países formaran una unidad, tal generalización no hace justicia a la realidad lingüística.” (STEFFEN 2010: 452)

O que se tem não é uma *variedade rioplatense*, mas sim a ocorrência de diferentes características em cada país, em cada região do Rio da Prata. Não se pode afirmar, por exemplo, que no Uruguai o tratamento se dá de uma determinada maneira, visto que a generalização conduz ao equívoco. Em algumas regiões, de fato, o *voseo* é a forma amplamente utilizada; contudo, há de se ter em conta que o *tuteo* e até o *ustedeo* convivem com aquela variante. No que concerne ao estudo específico da fronteira, Steffen afirma que ainda está em aberto a possível influência do português do Rio Grande do Sul em relação ao tratamento no Uruguai – especialmente no norte deste país.

Outro estudo relacionado às formas de tratamento é o de Boller (2000), que faz a análise de três perguntas – nº 684, 686 e 687 – do questionário do ADDU para o português (terceira edição, 1992). Interessa-nos aqui a abordagem feita em relação à pergunta 684, que diz respeito “*ao problema pragmático do uso alocutivo das construções preposição + pronome reflex[iv]o vs. preposição + pronome pessoal no contexto não reflexivo*” (BOLLER 2000: 253). No questionário, havia a seguinte pergunta: *O doutor quer que eu vá ao hospital?*, e esperavam-se as possibilidades (a) *consigo*, (b) *com o senhor* e (c) *com você*. Como era de se esperar, a primeira alternativa foi reconhecida como muito formal e não usual. Desta forma, constatou-se a diferença em relação ao português europeu, que apresenta aprovação da forma *consigo*. Por sua vez, *com o senhor* foi visto como representante de uma forma de mais respeito e mais usual ao mesmo tempo. *Com você* foi julgado como mais íntimo ou de confiança.

O estudo de Boller permite a reflexão sobre o que ainda carece de atenção: a comparação não com o português europeu, mas sim com o espanhol que está ali, na fronteira, muito próximo de nós. Além disso, seria interessante que se analisasse também a influência do português na variedade fronteiriça – por exemplo, será que o uso de *com você* sofre algum tipo de influência do uso *con usted*?

Considerações Finais

Constituiu o foco deste trabalho a compilação ou revisão descritiva de estudos do contato português-espanhol, evidentemente sem a pretensão de esgotar integralmente a proposta, o que estrapolaria o âmbito de um trabalho de conclusão, mas antes, acima de tudo, traçar um panorama dos estudos que possibilitasse a continuidade da pesquisa, sob uma base mais sólida do que a que tinha antes de iniciar este trabalho. Inicialmente, pensou-se em analisar apenas o nível fonético-fonológico; contudo, a consideração do conjunto dos níveis de análise permitiu comparações que, de outro modo, não dariam a mesma abrangência e concisão que o objeto de estudo requer. Este trabalho, então, é de suma importância para a solidez teórica e, sob certo aspecto, empírica da autora.

Neste sentido, vale acrescentar que me parece especialmente relevante considerar a necessidade do estudo da fronteira na universidade – tanto na Licenciatura quanto no Bacharelado – como prática que contribui para a compreensão da língua, concedendo subsídios ao campo do ensino e das práticas sociais em geral. Também aqui caberia um panorama da situação, para avaliar também as questões ligadas à aquisição de língua adicional, o outro eixo de pesquisa a que se aludiu no início. Quem tem se ocupado disso em nossas instituições de ensino? Apesar da proximidade dos países hispanófonos – que, aliás, serviu de argumento para a aprovação da Lei nº 11.161/05, que prevê a oferta de ensino de espanhol no Ensino Médio –, não se constata a existência de projetos de pesquisa, na área de língua espanhola, que assumam essa tarefa, a de descrever e analisar a fronteira ou o contato português-espanhol, a não ser em áreas afins da sociolinguística e dialetologia, em termos de estudos de variação e contatos linguísticos.

Há de se ter em conta que, antes de se criar políticas de planejamento linguístico, há um passo fundamental: estabelecer as bases do fenômeno, averiguar o que acontece e por que acontece para, só assim, pensar em estratégias ou soluções para o ensino e questões afins. Daí a relevância deste trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Língua Espanhola, que, antes de ser

uma conclusão, também assume ares de um começo, para novos desafios no ensino e na pesquisa.

Bibliografía

- ADDU = *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). Parte cartográfica. Tomo I: Consonantismo y vocalismo del español. Fasc. A. 1. Lateral palatal (/ʎ/, <ll>) y fricativa mediopalatal (/j/, <y>): Lleísmo, yeísmo, zeísmo y feísmo en el español uruguayo.* Harald Thun; Fred Boller; Andreas Harder; Johanne Peemöller. – Kiel: Westensee-Verl, 2000.
- ADDU-Norte = *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). Parte cartográfica. Tomo I: Consonantismo y vocalismo del portugués. Fasc. A.1. Laterales y palatales.* Harald Thun; Fred Boller; Andreas Harder; Johanne Peemöller. Kiel: Westensee-Verl, 2000.
- ALTENHOFEN, Cléo V. *Os contatos lingüísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil.* In: ELIZAINCÍN, Adolfo & ESPIGA, Jorge (orgs.). *Español y portugués: fronteiras e contatos.* Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.
- ALERS-1 = KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo V. & KLASSMANN, Mário (Orgs.). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas fonéticas e morfossintáticas.* 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- ALERS-2 = ALTENHOFEN, Cléo V. & KLASSMANN, Mário (Orgs.). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais.* Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- BARRIOS, Graciela. *Planificación lingüística e integración regional: el Uruguay y la zona de frontera.* In: A. Menine Trindade e L.E. Behares (orgs.). *El presente de la dictadura. Estudios y reflexiones a 30 años del golpe de Estado en Uruguay.* Montevideo, Trilce, p. 156-168.
- BEHARES, Luis (org.). *V Encuentro Internacional de Investigadores de Políticas Lingüísticas.* Montevideo: Universidad de la República e Asociación de Universidades Grupo Montevideo / Núcleo Educación para la Integración, 2011.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *O Léxico.* In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs). *As ciências do léxico, lexicologia, lexicografia, terminologia.* Campo Grande, MS: Editora UFMS, 1998.
- BLASER, Jutta. „Carimbão“ oder „corrupio“: *Sprachmischung und Sprachbewusstsein im Norden Uruguays.* In: MESSNER, Dieter & PERL, Matthias (Hrsg.). *Portugiesisch in der Diaspora: Vorträge vom 4. Deutschen Lusitanistentag na der Universität Mainz (2001).* Germersheim/Rhein : Centro de Estudios Latinoamericanos; Institut für Romanistik/Univ. Mainz, 2003. p. 103-129.
- BOLLER, Fred. *Aspectos morfossintáticos e pragmáticos do português uruguaio (ADDU-Norte).* In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine & SCHÖNBERGER,

- Axel (eds.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 253-262
- BORTOLINI, Leticia Soares. *Letramento em uma escola de educação bilíngüe na fronteira Uruguai/Brasil*. Dissertação de Mestrado. UFRGS. Porto Alegre, 2009.
- BROVETTO, Claudia, GEYMONAT, Javier & BRIAN, Nicolás. *Portugués del Uruguay y educación bilíngüe*. Montevideo: 2007.
- BUNSE, Heinrich A.W. *Estudos de Dialectologia no Rio Grande do Sul (problemas, métodos, resultados)*. Porto Alegre: Edições da Faculdade de Filosofia/UFRGS, 1969.
- CALVET, Louis-Jean. *As políticas lingüísticas*. São Paulo: Parábola Editorial; IPOL, 2007.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino & MOTA, Jacyra Andrade. *Um passo da geolingüística brasileira: o Projeto ALiB*. In: MOLLICA, Maria Cecilia & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo : Contexto, 2003. p. 39-49.
- COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la Dialectología*. México, D.F.: Instituto de Investigaciones Filológicas de la Universidad Nacional Autónoma de México, 1982.
- ELIZAINCÍN, Adolfo. *Gramáticas em contato e em conflito: português e espanhol em América*. In: MATZENAUER, Carmem Lúcia Barreto et al (Org.). *Estudos da Linguagem – VII Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2008.
- _____. *Dialectos en contacto (español y portugués en España y América)*. Montevideo: ARCA, 1992.
- ELIZAINCÍN, Adolfo; BEHARES, Luis & BARRIOS, Graciela. *Nos falemo brasileiro – Dialectos portugueses en Uruguay*. Montevideo: AMESUR, 1987.
- GARCIA, Fernando Cacciatore de. *Fronteira iluminada. História do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul a partir do Tratado de Tordesilhas (1420-1920)*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- KERSCH, Dorotea Frank. *A construção relativa na língua falada. Enfoque na fronteira bilíngüe do Brasil com o Uruguai, comparado ao espanhol e ao português riopratense e europeu*. Kiel: Westensee Verlag Kiel, 2006.
- KOCH, Walter. *Contribuição do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul ao estudo da fronteira lingüística entre o Brasil e o Uruguai*. In: *Práticas de integração nas fronteiras: temas para o Mercosul*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; Instituto Goethe/ICBA, 1995. p.192-206.
- ROCHA, Patrícia Graciela da. *O português de contato com o espanhol no sul do Brasil: empréstimos lexicais*. Dissertação de Mestrado. UFSC. Florianópolis, 2008.
- RÖMISCHER, Monica. *Portugués e castelhano no Uruguai: contactos léxicos (ADDU, ADDU-Norte)*. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine &

- SCHÖNBERGER, Axel (eds.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 229-251 [CVA]
- RONA, José Pedro. *El dialecto „fronterizo“ del norte del Uruguay*. Montevideo : Publicaciones del departamento de Lingüística, Universidad de la República, 1965.
- SCHARF, Clemens. *Acerca da realização variável dos fonemas /s/ e /z/ intervocálicos e da sua distribuição diasssexual no português uruguaio*. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine & SCHÖNBERGER, Axel (eds.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 185-227 [CVA]
- STEFFEN, Joachim. *El tratamiento en el Uruguay*. In: HUMMEL, Martin, KLUGE, Bettina & LASLOP, María Eugenia Vásquez. *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*. México, D.F.: El colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios; Graz, Austria: Karl Franzens Universität, 2010.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1986.
- THUN, Harald. *O português americano fora do Brasil*. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine & SCHÖNBERGER, Axel (eds.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt a M. : TFM, 2000. p. 185-227
- _____. *Variety complexes in contact: a study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo*. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Erich (eds.). *Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation. Vol. 1: Theories and methods*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 706-723.
- THUN, Harald & RADTKE, Edgar. *Novos caminhos da geolingüística românica: um balanço*. In: *Cadernos de Tradução do Instituto de Letras*. Porto Alegre, 2009.